

## A RE-LEITURA DE LIVROS INFANTIS COMO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE UMA PRÉ-ESCOLA

Ari Fernando Maia (\*)

Lúcia Pereira Leite (\*)

Ana Cláudia Bortolozzi Maia (\*)

Priscila Sayuri Oliveira Fukuda (\*\*)

Tatiana Koschelny Pereira (\*\*)

Curso de Psicologia - UNESP- Campus Bauru. Docentes (\*) e Discentes (\*\*)

Eixo temático: Projetos e Práticas em Formação Continuada

Agência Financiadora: BOLSAS PROEX EXTENSÃO

### INTRODUÇÃO

Atualmente, as escolas de educação infantil têm sido consideradas espaços nos quais se visa a uma educação plena e não apenas o cuidado das crianças, de caráter puramente assistencialista (COSTA, 2003). Tal premissa é relativamente nova, pois a Educação Infantil no Brasil só foi reconhecida e institucionalizada a partir da Constituição Federal de 1988, do Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/1996.

Após a promulgação desses documentos aconteceram várias mudanças no processo de ensino das crianças desde o nascimento até a idade pré-escolar. Assim, a educação infantil passou a ser reconhecida legalmente como a educação básica que tem por “finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (Art. 29, LDB).

Em 1998, foi elaborado o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), documento oficial do Ministério da Educação (BRASIL, 1998), para orientar a proposta pedagógica de unidades de ensino que atendessem esse público. Nesse documento, há indicativos para subsidiar o trabalho pedagógico realizado na Educação Infantil, com proposições, por exemplo, sobre procedimentos didático-metodológicos a serem adotados pelos professores. Além disso, em 2006, o Ministério da Educação, mais especificamente a Secretaria da Educação Básica, divulgou os *Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil* e, em 2009, outro importante material, os *Indicadores da Qualidade na Educação Infantil*, que ajudaram

traduzir e detalhar esses parâmetros de modo teórico-operacional, para ofertar instrumental de apoio ao trabalho dos educadores.

Para além do aspecto legal, é importante considerar a contribuição da psicologia para indicar parâmetros para a realização das práticas educativas na pré-escola. A Psicologia histórico-cultural entende que o desenvolvimento mental infantil parte de três pressupostos básicos, de acordo com Leontiev (1978), em síntese: 1. a criança se apropria do mundo dos objetos nas interações sociais que estabelece – a apropriação é concebida como característica típica do gênero humano possibilitada por intermédio da sua participação nas atividades, através das relações práticas e verbais; 2. o ser humano desenvolve suas funções psicológicas superiores – linguagem, memória mediada, raciocínio lógico-matemático, entre outras - ao longo do seu desenvolvimento, formando sistemas cerebrais que permitem novas formações mentais; 3. a linguagem ocupa lugar de destaque nas formações mentais, pois possibilita à criança adquirir, acumular e repassar os conhecimentos já produzidos pela humanidade, em momentos históricos distintos, implicando na formação dos seus conceitos.

Numa alusão ao processo educacional infantil entende-se o quanto é importante a atuação do professor para o desenvolvimento individual do seu alunado, pois é no estabelecimento das interações sociais que ocorrem no espaço escolar que se dá a mediação entre o universo de conhecimentos produzidos e a formação de conceitos. Para Vygotsky (2001) a mediação, no âmbito educacional, pode ser entendida como um processo interacional entre crianças e professores que leva à formação de conceitos acadêmicos por intermédio da linguagem, em particular, do uso e compartilhamento de diversos códigos lingüísticos.

Na educação infantil o hábito de contar histórias, para crianças desde tenra idade, parece ocupar um papel destaque nas ações educativas, e deve ser visto como uma estratégia pedagógica importante para a promoção da leitura e, conseqüentemente no desenvolvimento educacional infantil (ABRAMOVICH, 1989; CARDOSO, 1991, GILLIG, 1999 e VIEIRA, 2005).

Constituída nas interações sociais, a narrativa de histórias aparece como necessidade individual ou coletiva de se registrar acontecimentos histórico-culturais, verdadeiros ou imaginários, permeados de emoções, medos e fantasias. Para Zilberman (2004), tais manifestações podem ser caracterizadas como formas de linguagens presentes nas modalidades orais e escritas, em diferentes gêneros lingüísticos, que circulam nas interações sociais em sociedade.

Em particular ao universo da literatura infantil as histórias surgem como possibilidades da criança vivenciar sensações de perda, de busca pelo desconhecido, de tristeza, de desconforto, de amor, raiva, dentre outras, levando-as experimentar novas descobertas. Complementar a esse posicionamento entende-se que a criança que entra em contato com as histórias infantis desenvolve seu imaginário, tornando-se, pouco a pouco, um leitor em potencial. Neste contexto, o mediador terá o papel de destaque na promoção da leitura, pois nenhum conhecimento será construído sozinho “mas sim em parceria com as outras pessoas” (FREITAS, 2003, p.2).

Cabe então aos professores propiciarem oportunidades no espaço escolar para que as crianças possam vivenciar os enredos, as tramas, as fábulas presentes nas produções literárias infantis, tão necessárias para a aquisição de elementos lingüísticos que subsidiarão o desenvolvimento mental. Para que isso ocorra, Martins (2002) pontua a importância da ação docente nesta atividade, uma vez que é ele quem escolhe a narrativa, e o modo como irá apresentá-la, assim deve atuar como mediador, ou seja, nas palavras da autora, “como sujeito ativo, que compartilha situações significativas de leitura” (2002, p. 147).

A partir dos apontamentos percebe-se que uma preocupação nas políticas públicas atuais para implementar propostas educacionais preocupadas com o desenvolvimento infantil, de crianças de 0 a 6 anos, por meio da atuação dos professores que precisam, então, considerar a criança como um pessoa capaz de desenvolver e aprender em ambientes de estímulo e incentivo a essa interação. Um dos recursos seria a utilização da leitura de livros infantis que costumam ser sub-utilizados na pré-escola.

Pensando nessas proposições elaborou-se um projeto de pesquisa, de caráter de extensão universitária, que pudesse instrumentalizar educadores de uma pré-escola, para que eles analisassem de modo crítico os livros infantis disponíveis e se utilizassem desses materiais de maneira mais apropriada, como recursos didático-metodológicos importantes para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças.

## OBJETIVOS

Partindo dos pressupostos apresentados, os objetivos desse trabalho são:

- a) Observar no cotidiano da pré-escola como os livros disponíveis são utilizados pelas professoras;
- b) Investigar junto às professoras como elas descrevem a aquisição e o uso de

- livros infantis;
- c) Oferecer formação continuada às professoras em relação ao uso pedagógico dos livros infantis.

### CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este trabalho configura-se numa proposta de formação continuada para professores de uma pré-escola, subsidiada pela Unesp, que está sendo desenvolvida por três docentes e duas discentes, estagiárias do Curso de Psicologia da mesma universidade. O trabalho se realizará em duas etapas: a primeira consiste em um levantamento dos livros existentes na pré-escola, seguida da realização de um questionário com as professoras. Após esta fase de diagnóstico serão programadas atividades com os professores visando refletir sobre a natureza do material (livros) utilizado, sobre a finalidade de seu uso e das estratégias pedagógicas possíveis diante do mesmo.

#### Participantes:

Grupo de seis educadoras de crianças que atuam em uma pré-escola. Todas as educadoras eram mulheres, com idade variando entre 26 e 38 anos, com experiência no magistério em educação infantil entre um a quinze anos. Cada professora é responsável por um grupo de crianças, distribuídas em idades diferentes, de 4 meses a 6 anos, variando então de berçário a grupo 6.

#### Materiais:

Para coleta de dados, utilizou-se de um roteiro de observação sistemática e um questionário ou entrevista com questões semi-abertas. Esses instrumentos investigaram os seguintes aspectos: quais são os livros que existem na escola, quantos são e como eles são apresentados às crianças; como é feita a escolha dos livros, como eles são utilizados, como é feito o planejamento das atividades em que eles são utilizados e a formação dos professores para seu manejo.

#### Procedimentos:

Em primeiro lugar foi feito contato com a coordenadora da pré-escola para apresentação do projeto e solicitando a permissão para sua realização. A análise de dados foi qualitativa, isto é, os conteúdos obtidos pelos relatos registrados foram

analisados por agrupamentos temáticos (BARDIN, 1977; TRIVINÕS, 1987). O trabalho foi realizado em diferentes etapas de execução descritas a seguir:

(a) Observação sistemática das situações cotidianas em que cada professora utilizava de livros infantis com as crianças: Se há livros, quantos e onde ficam na sala de aula? Se há o uso e como ocorre essa utilização dos livros com as crianças?

(b) Levantamento de Informações: Realização de entrevistas com as educadoras para identificar as seguintes questões: a) quem escolhe a compra dos livros que existem na escola e por que o faz? Como costuma usar os livros infantis na escola com as crianças? Planeja antes o uso dos livros para algum fim específico ou o livro é um recurso auxiliar para outras atividades? O que prioriza na escolha do livro (história, figura, texto, função), Teve formação para trabalhar com os livros infantis na graduação?

(c) Formação Continuada e Acompanhamento: Elaboração e implementação de um curso ofertado às professoras de suporte teórico-prático sobre o uso dos livros infantis para ajudar no desenvolvimento cognitivo, emocional, social na infância. Pretende-se acompanhar após a formação as ações pedagógicas das professoras, para averiguar possíveis mudanças no uso dos livros infantis.

## RESULTADOS

Apresentaremos os resultados preliminares.

### **1. Observação Sistemática:**

As observações ocorreram durante oito semanas, num período consecutivo, alternando dias e horários aleatórios da semana. Foram analisados todos os grupos de crianças e suas respectivas professoras. Na pré-escola investigada há sete grupos de crianças divididas por idade (Berçário, Grupo 1, Grupo 2, Grupo 3, Grupo 4, Grupo 5 e Grupo 6) e cada grupo tem uma professora.

Há livros em todas as salas dos grupos, desde o berçário até o 6. Os livros ficam dispostos em estantes, na própria sala e, embora estejam ao alcance físico das crianças, elas respeitam a ordem de só manuseiam os livros quando há a permissão da professora. Quanto mais novas são as crianças, menor é o uso de livros como parte das

atividades desenvolvidas em sala. A título de exemplificação, no Grupo 3, as crianças acessam os livros espontaneamente, somente para ver as figuras, mas isso acontece quando estão em horário “livre” ou quando a professora está ocupada com outras atividades.

Observou-se o grande interesse geral das crianças nos livros, quando houve oportunidade de fazê-lo. Em uma ocasião uma criança percebeu o contato das estagiárias com os livros e se dirigiu a elas pedindo que “contassem a história”, o que rapidamente despertou a curiosidade das outras.

Em duas situações houve a observação de atividades dirigidas com o uso de livros, no Grupo 2 e no Grupo 6. No primeiro, o livro era lido em voz alta pela professora que mostrava as figuras às crianças, mas elas dispersaram-se no meio da narrativa. Em alguns momentos a professora interrompia a leitura da história para chamar a atenção de algum aluno que estava disperso. Após o término da leitura a professora não fez nenhuma atividade relacionada à história ou às idéias do livro. Já no Grupo 6 a professora também leu em voz alta, porém relacionou a escolha do livro com outras histórias que já havia trabalhado com o grupo, comentando também sobre o autor (Monteiro Lobato). Estimulou a imaginação das crianças e interagiu com elas, promovendo um diálogo reflexivo e avaliando depois a atividade. Neste grupo as crianças mantiveram-se atentas e interessadas em toda a atividade de leitura.

A maior parte dos livros conta fábulas ou histórias de animais, embasada nos preceitos de amizade, solidariedade e aceitação no grupo. Outros livros são de aprendizagem formal (formas, cores, números, letras, etc.) ou aprendizagem de regras (educação, higiene, condutas morais). Poucos livros fazem referência a conflitos infantis ou familiares apresentando personagens humanos (crianças, pais, outros familiares).

Muitos livros carecem de informações importantes como, por exemplo, o autor e a nacionalidade e cerca de metade dos livros estão em mau estado. A professora do grupo 3 mostrou para as crianças o manuseio adequado do livro e quando faltam páginas ou capa se tornam inutilizáveis.

## **2. O que dizem as professoras?**

### **2.1 – Escolha dos livros**

As professoras relataram que os livros são escolhidos por elas com a colaboração

da coordenação da escola, considerando principalmente a faixa etária à qual serão destinados e, em segundo lugar, os temas presentes nas obras.

## 2.2 – Aquisição dos livros

As professoras relataram que todos os anos são comprados novos livros; a responsabilidade da compra é dos pais das crianças, a partir de uma lista encaminhada pela educadora.

## 2.3 – A presença dos livros na sala de aula

As professoras justificaram a presença de livros na sala de aula dizendo que é um incentivo à leitura; reconhecem que, como as crianças ainda não lêem, o objetivo é desenvolver o gosto por histórias e pelo manuseio de livros. Acrescentam que os livros são o foco de atenção em vários momentos: leitura livre, dirigida, ou após a realização de alguma outra atividade.

## 2.4 – Planejamento das atividades com os livros

As professoras relatam planejar a utilização dos livros, mas não há um padrão nesse planejamento. Uma professora afirma utilizar os livros de acordo com situações momentâneas: as crianças não dividem os brinquedos, então ela procura uma história em que essa questão esteja presente. Duas outras professoras afirmam que há dois momentos; um planejado e outro livre - quando o tema da história é aleatório. Uma professora apenas afirma que as atividades com livros estão no planejamento, sem especificar como são realizadas as atividades. Duas professoras relatam ler com antecedência os livros para procurar aproveitá-los como auxiliares em temas que já estejam em pauta, e também que retomam os temas lidos em outros momentos das atividades em sala

## 2.5 – Utilização do livro como auxiliar em outras atividades.

Todas as professoras relataram utilizar livros como auxiliares em atividades ou projetos diversos. Duas não foram específicas quanto aos projetos, afirmando que utilizam os livros “*o tempo todo*”; quatro especificaram com exemplos, relatando que trabalharam em projetos como “*educação nutricional*”, sobre a “*água*”, sobre “*natureza e sociedade*” e sobre “*meio ambiente*”, utilizando os livros como recurso auxiliar.

## 2.6 – Que aspectos são priorizados na escolha do livro

Três professoras afirmaram observar principalmente aspectos relacionados aos livros, como a história, figuras, o texto etc. Três professoras priorizam o objetivo da atividade e focam especificamente na faixa etária, para poder avaliar as características dos livros que seriam mais atrativas para as crianças.

## 2.7 – Escolha dos livros na sala de aula

Todas as professoras afirmaram que há momentos em que as crianças escolhem livremente os livros na sala de aula e há momentos em que a escolha é feita pela professora, em acordo com os objetivos de alguma atividade que está sendo realizada. Segundo as mesmas, na maioria das vezes são as crianças que escolhem os livros, embora sempre sendo observadas pela professora.

## 2.8 – Formação para utilizar livros

Duas professoras responderam sumariamente que “sim”, indicando que tiveram formação acadêmica para trabalhar com livros; outras duas também relataram concordância, apesar de colocarem que formação foi pouca ou insuficiente, e outras duas responderam que receberam formação sobre a utilização dos livros, em projetos específicos em atendimento à idade das crianças.

## 2.9 – Dificuldade ou facilidade para lidar com livros

Todas as professoras relataram ter facilidade no trato pedagógico com os livros, argumentando que a leitura é um momento de encantamento, em que a fantasia e a imaginação estão em evidência, ou então que se sentem à vontade para contextualizar as histórias e utilizá-las como auxílio nos temas trabalhados nos grupos.

## DISCUSSÃO

As respostas ao questionário indicam que as professoras, em geral, apreciam as atividades em que os livros são utilizados e, embora a maioria não tenha tido uma formação específica para lidar com a literatura infantil ou com a utilização desse material em suas atividades, todas elas relataram ter, em algum momento, utilizado livros no trato pedagógico com as suas crianças.

Apesar disso, é também notório que o planejamento para as atividades com os livros é insuficiente. Na maioria das vezes em que as crianças os utilizam é por iniciativa



delas mesmas, em geral porque estão em um momento sem atividade programada, segundo a observação realizada na escola. A utilização dos livros, na maioria dos casos, não parte de uma análise dos mesmos que considere ao mesmo tempo os objetivos da atividade e as características do material, e, além disso, ela não ocorre em uma perspectiva de longo prazo, pensando que vários temas poderiam ser retomados ou as histórias poderiam ser recontadas e reelaboradas, visando a apropriação de conteúdos simbólicos (VYGOTSKY, 2001). Finalmente, o interesse das crianças pelos livros não resulta, em geral, na realização de atividades específicas que motivem interesse pela leitura, ou que aproveitem a curiosidade infantil pelo fantástico e imaginário, possibilitando outras construções mentais (VIEIRA, 2005).

A ausência de uma formação mais sólida para lidar com os livros ficou patente nas respostas das professoras, e por isso é importante a promoção de estratégias didático-metodológicas, sob a forma de formação continuada, que visem a utilização dos livros na escola em atividades produtivas para o desenvolvimento psicológico e educacional das crianças. O fato de que as professoras relataram gostar das atividades com livros é alvissareiro, pois indica que a participação em atividades de formação seria bem-vinda.

## CONCLUSÃO

A utilização sistemática de livros em atividades na educação infantil se presta a uma ampla gama de finalidades. O planejamento de atividades voltadas para a apropriação de conteúdos simbólicos (VYGOTSKY, 2001), e para a ampliação das capacidades imaginativas e fantasiosas (ZIBERMAN, 2004) é um objetivo promissor para a realização de atividades de formação continuada voltadas com esse fim. O prazer da leitura pode ser compartilhado pelas crianças e pelas professoras, almejando construir de fato leitores competentes e imaginativos.

Amparado nos preceitos da psicologia histórico-cultural entende-se que a aprendizagem é resultante de em fazer conjunto, entre o educador e aluno, a partir de trocas interacionais, subsidiadas pelo uso de recursos didático-metodológicos, no caso as produções literárias. Na educação infantil isso não é diferente.

Por fim, como acrescenta Martins (2005) à mediação de leitura não se resume na simples presença do narrador nas atividades de leitura, mas impreterivelmente na sua atuação como sujeito ativo, que compartilha situações significativas de leitura, possibilitando o desenvolvimento de conhecimentos e novas interpretações no universo

infantil.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1989.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 9.ed. São Paulo: Atlas, 1988.
- BRASIL. Congresso Nacional. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB n.º 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília/DF, 23 de dezembro de 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil*. Brasília, MEC/SEB, 2006.
- BRASIL, Ministério da Educação/Secretaria da Educação Básica. *Indicadores da Qualidade na Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEB, 2009.
- CARDOSO, M. *Estudos de Literatura Infantil*. São Paulo: Editora do Brasil, 1991.
- COSTA, S. F. O Projeto Político-Pedagógico nas Instituições de Atendimento Assistencial a Crianças de zero a seis anos. *Terra e cultura*, Londrina, n. 36, p. 27-38, 2003.
- GILLIG, J. *O conto na psicopedagogia*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do Psiquismo*. Lisboa, Livros horizonte. 1978.
- MARTINS, S.E.S. *A formação de leitores surdos e a educação inclusiva*. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP/ Marília, 2005, 278p.
- TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.
- VIEIRA, I. M. de C. O papel dos Contos de Fadas na Construção do Imaginário Infantil. *Revista Criança do Professor de Educação Infantil*. Brasília – DF Mec, nº38, p.8-9, jan. 2005.
- VYGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e linguagem*. 1ª. Ed. São Paulo: Martins

Fontes, 2001.

ZIBERMAN, R. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2004.